

Ecologia integral

Há um ano o Papa Francisco deu a conhecer ao público sua segunda encíclica, intitulada *Laudato si'*. As encíclicas papais se inscrevem num gênero literário bastante específico em que o bispo de Roma se dirige à Igreja inteira ou a parte dela, com o objetivo de transmitir algum ensinamento e levar os seus sequazes à reflexão e à ação.

O próprio título da encíclica não deixa de ser uma novidade. Normalmente as encíclicas têm o título em Latim, língua oficial em que são escritas, e seu título extrai-se das primeiras palavras do texto. Não é primeira vez que uma encíclica não tem o seu título em Latim. Isso acontecera em 1931 com a encíclica *Non abbiamo bisogno* (*Não temos necessidade*), de Pio XI, escrita originalmente em Italiano, em que se apoiava a atuação e a organização de leigos católicos da Itália e se criticava o fascismo de Mussolini, que tentara intimidá-los e dissolvê-los; e em 1937 com a encíclica *Mit brennender Sorge* (*Com profunda preocupação*), também de Pio XI, escrita originalmente em Alemão, em que se condenava as ações racistas e totalitárias do governo nazista de Hitler. Não é mesmo caso da encíclica de Francisco. O texto oficial da encíclica *Laudato si'* é o Latim, mas abre-se com uma citação do santo de quem o Papa Francisco tomou o nome, num dos primeiros registros conhecidos da língua italiana, o *Cântico das criaturas*: “*Laudato si', mi' Signore*” (Louvado sejas, meu Senhor).

O conceito de *ecologia integral* chama imediatamente a atenção dos os leitores de *Laudato si'*. Fala-se muito e simplesmente em *ecologia*. É um dos assuntos mais atuais do planeta, especialmente desde as últimas décadas no século passado e nestas primeiras décadas de século XXI. Mas Francisco fala de *ecologia integral*. O que estava na intenção de Francisco ao apor ao substantivo *ecologia* o adjetivo *integral*? O papa alarga o tratamento da questão ecológica para níveis que vão além dela própria.

Ecologia integral significa pensar a ecologia a partir de uma visão que considera o mundo todo como uma casa comum. Daí o subtítulo da encíclica: *sobre o cuidado da casa comum*. Uma visão mais alargada vem de longe, vem dos clássicos. Os antigos gregos não tinham propriamente uma palavra para significar a família. Eles denominavam a família simplesmente com o termo *oikos*, isto é, casa. Casa e família conheciam

uma interpenetração semântica que nos custa entender hoje. Veja-se a propósito o primeiro livro da *Política* de Aristóteles. Francisco convida a olhar o mundo e as pessoas que nele habitam como uma única e mesma família ou como *uma família de famílias*.

Eis por que o simples substantivo *ecologia* vem acompanhado do adjetivo *integral*. Aqui aparece um dos elementos mais característicos do pensamento clássico: a compreensão da situação de especial importância e responsabilidade dos seres humanos dentro do conjunto de tudo o que existe. É preciso incluir as pessoas e povos no conceito de ecologia. É preciso dar voz a todos e não só a alguns. O planeta ou partes do planeta podem ser destruídos e isso não será desconhecido pela consciência dos seres humanos ou de parte significativa deles. A liberdade e a inteligência humanas são chamadas em causa quando o assunto é ecologia. O cuidado e a preocupação com a sustentabilidade do planeta exigem a emancipação e promoção de todos os seres humanos. *Laudado si'* insere o bem comum entre os seres humanos no coração do discurso a respeito da ecologia. Não se trata de uma encíclica somente sobre ecologia, mas sobre ecologia e justiça. A ecologia passa a ser tema-chave da Doutrina Social da Igreja

A exploração do meio ambiente por parte do ser humano acontece desde a chamada Idade da Pedra. Mas nada se compara ao que se vê nos últimos duzentos anos, quando entrou violentamente em vigor o que os economistas chamam de sistema capitalista. O grande problema desse sistema consiste na visão de mundo que concentra sua importância apenas na produção de bens materiais. Produzir, comprar e vender são verbos de primeira ordem do capitalismo. O ideal grego de virtude, que se pautava no desejo de viver bem (*eu zein*), é considerado secundário para quem só pensa em produzir, comprar e vender. O capitalismo não é só economia, mas se mostra cultura, e cultura de descarte.

A grande produção do capitalismo tem sido a globalização da pobreza e da exclusão. O sistema capitalista funciona muito bem somente para uma pequena parte dos humanos. Só esses poucos têm conhecido um caminho de emancipação, desenvolvimento e progresso. Mas a maioria da população mundial vive à margem desse bem-estar tão propagado e realmente pouco difundido. E o pior: faz parte do capitalismo criar massas e cantões de explorados. Não há recursos naturais para garantir o consumo de toda a população humana sobre a terra nos níveis em que acontece o consumo de bens e serviços nos chamados países desenvolvidos.

Por isso, a Igreja também se questiona a respeito da ecologia e de como ela está relacionada com a justiça social. Essa tem sido a tônica do magistério dos pontífices dos últimos sessenta anos. Eles não têm cessado de se manterem numa postura de interesse por temas que extrapolam o essencialmente religioso e intraeclesial. Nesse sentido, Francisco segue de perto e com determinação os passos de um dos líderes dos cristãos

ortodoxos, o Patriarca Bartolomeu, de Constantinopla, conhecido mundialmente por sua luta em prol da causa ecológica. Uma nova postura dos cristãos em relação ao meio ambiente pode ser um caminho para o diálogo e o entendimento entre eles próprios.

As pessoas e povos precisam remar contra a corrente de uma das características mais marcantes dos tempos modernos: o isolamento e o individualismo. É preciso redescobrir o que é comum, redescobrir o que é bom para todos, redescobrir que todos estamos interligados e tudo está em conexão. Trata-se de assumir como paradigma da convivência entre as pessoas e povos aquilo que a biodiversidade é: diversa e interligada. Tudo e todos têm sua importância, mesmo que tal importância só se constate no futuro.

Neste sentido é que se insiste no conceito de *ecologia integral*. Podemos ver nesta expressão de Francisco uma aproximação com um conceito formulado pelo filósofo católico Jacques Maritain que, para falar da sua visão a respeito do ser humano, não se contentou com o simples conceito de *humanismo*, mas o qualificou como *humanismo integral*. Maritain tinha em mente a abertura que caracteriza os seres humanos. O ser humano é um ser todo aberto e generoso e tal abertura e generosidade põem o ser humano diante da transcendência. Essa transcendência se evidencia na própria experiência humana sobre a Terra. As abordagens de Maritain e de Francisco não se esquivam em ancorar-se numa perspectiva metafísica da existência humana. Mas o interessante é que essa perspectiva não se distancia daquilo que é mais próprio do ser humano. Reclama-se qualidade e sentido para a existência humana sobre a Terra, mas não apenas baseados nos avanços em níveis comerciais, industriais e tecnológicos.

Os tempos atuais orgulham-se dos muitos avanços conquistados. São muitos mesmo! Sobressaem-se, porém, os avanços em níveis de *técnica*. É preciso ter a humildade para reconhecer a falta de progressos significativos em níveis de *ética*, isto é, em ações realmente inclusivas em relação a todos os seres humanos. Há a possibilidade técnica de encontrar as soluções para muitos problemas da humanidade. Mas falta a determinação ética nos seres humanos para implementar tais soluções. Aqui está o cerne do conceito de *ecologia integral* de que fala Francisco. É preciso exercer sempre mais a criatividade em política e religião, em economia e em educação, em vista da sustentabilidade do planeta e do efetivo encontro e diálogos entre pessoas e grupos. Francisco lança um apelo não somente pela justiça entre os homens e com a Terra. Seu apelo conclama à solidariedade universal a partir de um critério novo: a misericórdia, sinal da “beleza tão antiga e tão nova”, como um grande cristão denominou o seu Deus.

Para nós de *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE* foi uma satisfação constatar numa das notas de pé-de-página de *Laudato si'* a referência ao

livro *Irrupción del pobre y que hacer filosófico – hacia una nueva racionalidad* (Irrupção do pobre e tarefa da filosofia – rumo a uma nova racionalidade), organizado por Juan Carlos Scannone e Marcelo Perine (ver a nota ao número 149). Em 1992, a FAJE foi sede de parte das discussões dos textos que compõem esse livro. O grupo de jesuítas filósofos provenientes de diferentes países da América Latina se reúne, desde 1980, a cada ano num país diferente para discutir a sua atuação enquanto jesuítas e filósofos dentro do contexto latino-americano. Até hoje professores jesuítas de filosofia na FAJE participam desse seminário anual. Entre os textos presentes no livro citado por Francisco, encontra-se um de Ignacio Ellacuría, jesuíta martirizado na luta pelo serviço da fé e promoção da justiça em El Salvador, em 1989.

Um comentário final: o texto de *Laudato si'*, isto é, um texto proveniente da autoridade máxima dos católicos, foi vítima de um — evitando palavras ofensivas — “furo de reportagem”. Uma versão não definitiva do texto — é verdade que com mínimas diferenças — apareceu poucos dias antes da publicação oficial no blog de um conhecido jornalista italiano. Muito se teria a falar sobre isso. O que estaria por trás deste vazamento? Seria uma explicitação das oposições e resistências dentro da própria Igreja às reformas e atitudes de Francisco? Existem pessoas e grupos que estão isentos de ética e respeito na sua atuação profissional? Nossa resposta seja simplesmente o modo de ser de Francisco: caminhar sempre para frente na construção da paz, da justiça, da sustentabilidade e da misericórdia, confiando no auxílio divino e no apoio das pessoas de bem.

Delmar Cardoso

Editor